



O SER HUMANO NÃO É UM VÍRUS: COMPREENDENDO NOSSO PAPEL NO PLANETA PARA ALÉM DE SUA DESTRUÇÃO

Lucas Santa Cruz de Assis Brasil¹
Pontifícia Universidade Católica - Rio de Janeiro
brasilucas@gmail.com

Thomaz de la Rocque Amadeo²
Pontifícia Universidade Católica - Rio de Janeiro
thomaz_amadeo@hotmail.com

Alexandro Solórzano³
Pontifícia Universidade Católica - Rio de Janeiro
alexandrosol@gmail.com

RESUMO:

A ideia do “ser humano como vírus” se popularizou durante a pandemia do COVID-19, uma visão generalizante e potencialmente perigosa. Fazemos uma crítica às narrativas declensionistas, por assumirem destarte que relações naturezas-culturas danificam o ambiente. Também salientamos a importância de trazer à tona narrativas mais integradoras destas relações com o meio.

Palavras-chave: narrativas ambientais; relações sociedade-natureza; declensionismo

INTRODUÇÃO

O ser humano é o vírus do planeta. Vide a gigantesca capacidade de transformação da paisagem que nossa espécie alcançou e as subseqüentes alterações na composição, estrutura,

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)

² Graduando de Geografia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)

³ Professor do Departamento de em Geografia e Meio Ambiente na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRASIL, Lucas Santa Cruz de Assis; AMADEO, Thomaz de la Rocque; SOLÓRZANO, Alexandro. O Ser humano não é um vírus: compreendendo o nosso papel no planeta terra para além da sua destruição. *In: Revista Ensaio de Geografia*, Niterói, vol. 5, nº 9, p. 112-117, maio de 2020

Submissão em: 05/05/2020. Aceite em: 20/05/2020

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ - Brasil



diversidade e funcionamento dos ecossistemas que se acumulam ao longo dos anos (ELLIS & RAMANKUTTY, 2008), essa ideia do ser humano como destruidor de sua casa, opositor da “natureza”⁴, faz bastante sentido e se mostra atraente, no entanto pode ser bem perigosa.

Embora o ser humano seja a espécie na face da Terra que definitivamente mais altera o habitat a sua volta, ela não o faz da mesma forma, intensidade e intencionalidade ao redor do globo. A argumentação do “ser humano-vírus” homogeneiza a população humana, dotada de diversidade linguística, de religiões, tradições, etnias, classes sociais, assim, demonstrando diversas interações naturezas-culturas⁵. Somos plurais, interagimos com o que nos cerca de maneiras variadas e, conseqüentemente, marcamos o planeta de distintas formas, assim como somos afetados diferentemente por questões socioambientais. Populações com dificuldade de acesso a serviços públicos básicos, como saúde, educação e saneamento são indubitavelmente as mais atingidas em momentos de crise (HARVEY, 2006), algo notável no atual contexto de pandemia do COVID-19 e que se aplica às diversas escalas espaciais.

Tratar o problema com uma população humana abstrata, uniforme, sem localização, sem chão, sem paisagem, sem especificidades culturais, sem classes sociais, não faz jus à complexidade desta crise socioecológica advinda da pandemia. A identificação da espécie humana em si como a fonte do problema e sua generalização podem abrir espaço para discursos neomalthusianos e ecofascistas, ambos pautados na ideia da escassez de recursos naturais frente a crescente população humana. No primeiro caso, são defendidas medidas de controle populacional já que, segundo essa corrente, o elevado número de pessoas é responsável pelo subdesenvolvimento e pelo estrangulamento dos governos no que tange à garantia de direitos sociais básicos. Mas qual será a parcela da população que terá sua reprodução no espaço limitada? Essa pergunta está associada diretamente à narrativa ecofascista na qual existe a relação entre um discurso ambientalista extremista associado a algum tipo de supremacia étnica/nacional/cultural - geralmente uma supremacia branca e cristã -, chegando a conclusões

⁴ A palavra será apresentada sempre entre aspas no texto, uma vez que se compreende que a noção de natureza aqui empregada é um constructo resultante de uma percepção ocidental e moderna. A interpreta, portanto, como algo passível de ser compreendido a partir de um movimento mecânico e, por conseguinte, como um recurso suscetível de ser dominado e utilizado em prol do desenvolvimento material da sociedade, de acordo com Moreira (2006).

⁵ O conceito aqui adotado faz referência a Latour (1991).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRASIL, Lucas Santa Cruz de Assis; AMADEO, Thomaz de la Rocque; SOLÓRZANO, Alexandro. O Ser humano não é um vírus: compreendendo o nosso papel no planeta terra para além da sua destruição. In: **Revista Ensaio de Geografia**, Niterói, vol. 5, nº 9, p. 112-117, maio de 2020

Submissão em: 05/05/2020. Aceite em: 20/05/2020

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ - Brasil



de que os recursos naturais “restantes” não poder ser apropriados por outros grupos étnico-culturais. Defendem vilanias como negação de acesso a recursos naturais básicos como água, floresta e terra, resultando em minorias sem condições de manterem suas formas de existências.

Estas duas correntes de pensamento acabam por permear algumas análises da pandemia que surgem na internet e a um primeiro momento, podem até se camuflar como atraentes no contexto atual. Porém são demasiadamente rasas e simplistas e, dessa forma, não dão conta da complexidade da questão que estamos vivendo. Por conta disso, dão respaldo para ideias perigosas no âmbito socioambiental, e paulatinamente podem ser assimiladas pelo senso comum e por alguns líderes políticos, podendo mais tarde legitimar ações totalitárias e promotoras de mais desigualdade.

COMO VEMOS A NÓS MESMOS ?

Cabe nos perguntarmos: somos, inerentemente, destruidores daquilo que nos sustenta? Será que o ser humano, em última instância, é um destruidor atroz de seu lar? O corpo é lar, a casa é lar, o planeta é lar. A humanidade vai destruir as fundações da casa para que o teto caia sobre nossas cabeças? A morada, em todas as escalas, deve ser cuidada, com nosso planeta não deve ser diferente e a chegada abrupta do novo Corona vírus torna isso bem evidente, escancarando o tamanho da crise civilizatória que estamos vivenciando. Enquanto não nos entendermos, enquanto cultura ocidental, diferentemente do que viemos fazendo até o momento, não alcançaremos relações menos destrutivas com o ambiente. Se partimos do pressuposto que nossas relações com o que chamamos de “natureza” automaticamente trazem consequências negativas, nunca sairemos dessa espiral dos últimos 2500 anos de subjugar o mundo natural com vistas no acúmulo material (LEFF, 2020).

A interpretação de que a humanidade é inerentemente devastadora se origina na própria separação entre a civilização ocidental judaico-cristã patriarcal e a “natureza”. Desenvolvemos relações com a “natureza” ancoradas na dualidade, na antítese, no confronto, na batalha e na dominação da mesma, em detrimento do convívio, da cooperação, da harmonia e de um profícuo intercâmbio entre as partes (CAPRA, 2006). A lógica da separação, e por consequência

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRASIL, Lucas Santa Cruz de Assis; AMADEO, Thomaz de la Rocque; SOLÓRZANO, Alexandro. O Ser humano não é um vírus: compreendendo o nosso papel no planeta terra para além da sua destruição. In: **Revista Ensaio de Geografia**, Niterói, vol. 5, nº 9, p. 112-117, maio de 2020

Submissão em: 05/05/2020. Aceite em: 20/05/2020

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ - Brasil



da dominação tem imperado no modelo civilizatório ocidental e constitui a maioria das narrativas sobre como nós mesmos, ocidentais, lidamos com a “natureza”. É indiscutível: a busca por recursos naturais deixou marcas indeléveis nas paisagens pelo globo (AB’SABER, 2003), as quais são evidentes a olhares e cérebros treinados de cientistas, mas também podem ser notadas pelo transeunte pouco atento.

A intensa transformação do espaço pelas técnicas e as conseqüentes mazelas notadas no meio ajudaram a criar condições para a ascensão de um movimento organizado da sociedade civil nas décadas de 1960/1970: o ambientalismo, alerta aos desdobramentos de nossas impensadas atitudes com a biosfera (WORSTER, 1991). O ser humano, de forma genérica, é identificado como o causador de tais tensões, e por isso, deve ter sua ação limitada e/ou planejada através de variadas maneiras: mudança de hábitos e padrão de consumos, a interdição de sua presença em certas áreas e, até mesmo, sua erradicação de certos territórios (DIEGUES, 1996).

Repensar o modo de vida da cultura ocidental hegemônica se faz fundamental no contexto atual. No entanto, vivemos um momento em que as narrativas declensionistas se tornaram o discurso científico dominante. Esta narrativa tende por dar uma grande relevância na decadência dos ecossistemas causada pela ação humana. Em outras palavras, o ser humano é alçado a uma posição de devorador de recursos naturais, associando fortemente desenvolvimento humano a destruição do ambiente. No entanto, existem outras narrativas possíveis: para autores da ecologia histórica e antropologia, por exemplo, o que alguns grupos indígenas da Amazônia fazem é algo mais próximo de uma domesticação da paisagem do que propriamente o início da liquidação do bioma (ERICKSON, 2006). Não há uma narrativa única e verdadeira, não existe apenas uma forma humana de existir, há múltiplas formas de lidar com que nós, no ocidente, chamamos de “natureza”.

Narrativas declensionistas apresentam a tendência a um maniqueísmo que acaba por ocultar outras possibilidades de interações com a “natureza”. O ser humano, inexoravelmente, só serve para destruir o planeta, o local que habita, o lugar que vive, o território que atua, a paisagem que cria? O declensionismo nos leva ao risco da generalização em relação à experiência humana na Terra. Ao assumirmos nossa espécie como intrinsecamente prejudicial,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRASIL, Lucas Santa Cruz de Assis; AMADEO, Thomaz de la Rocqye; SOLÓRZANO, Alexandro. O Ser humano não é um vírus: compreendendo o nosso papel no planeta terra para além da sua destruição. In: **Revista Ensaio de Geografia**, Niterói, vol. 5, nº 9, p. 112-117, maio de 2020

Submissão em: 05/05/2020. Aceite em: 20/05/2020

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ - Brasil



identificar formas dela ser benéfica para a paisagem que co-constrói torna-se praticamente impossível. Se não admitirmos que existem outras relações sociedade-natureza possíveis, não conseguimos vislumbrar esperança para nossa espécie na Terra. Pois o que está em crise não é o ser humano. O que vemos cada vez mais se aproximar de uma ruína é a civilização ocidental capitalista globalizada desta forma que está posta. Como um rolo-compressor de biomas em prol de commodities de exportação, atropelando soberanias e etnias, línguas e saberes, cosmovisões e crenças. O que precisa ser radicalmente transformado é a visão moderna de “natureza”, que a percebe como um recurso a ser dominado e usado em prol do nosso “progresso”.

Enquanto isso, povos tradicionais como indígenas, quilombolas, caiçaras, caipiras dentre outros podem demonstrar relações com o meio distintas daquelas enfatizadas pelo declensionismo. Estes grupos devem ter seus modos de vida valorizados, tanto como forma de dismantelar simplificações e generalizações indevidas na ciência, mas também como maneira de evidenciar que outras relações dos humanos com seu planeta são possíveis e estas relações perduram através dos séculos, apesar do processo colonial. São povos que entendem, vivenciam, geram e simbolizam a “natureza” de forma distinta, havendo culturas em que a palavra “natureza” não existe (KRENAK, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia em que nos encontramos evidencia um grande desequilíbrio da forma pela qual a sociedade moderna lida com o planeta. A partir disso, surge um grande espaço para se pensar sobre nosso papel na Terra e muitas narrativas distintas entram em disputa. Acima foi mostrado o perigo de nos considerarmos o vírus, já que essa perspectiva pode fomentar ações autoritárias, genocidas e, em últimas instâncias, suicidas. Narrativas de base diferentes das declensionistas se fazem fundamentais, uma vez que podem destacar a ação humana com potencial catalisador de processos da “natureza”, destacando a habilidade humana de co-criar paisagens. A partir dessas outras formas de nos percebermos será possível dar início a pensamentos e ações que valorizem mais a vida e menos a lógica de produção e progresso

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRASIL, Lucas Santa Cruz de Assis; AMADEO, Thomaz de la Rocqye; SOLÓRZANO, Alexandro. O Ser humano não é um vírus: compreendendo o nosso papel no planeta terra para além da sua destruição. In: **Revista Ensaio de Geografia**, Niterói, vol. 5, nº 9, p. 112-117, maio de 2020

Submissão em: 05/05/2020. Aceite em: 20/05/2020

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ - Brasil



material, iluminando caminhos que podem assegurar nossa existência de forma mais integrada ao meio (LEFF, 2020).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SÁBER, A. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. trad. Álvaro Cabral; 26ª reimpressão; São Paulo: Cultrix, 2006.

DIEGUES, A. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996

ELLIS, E; RAMANKUTTY, N. Putting people in the map: anthropogenic biomes of the world. **Frontiers in Ecology and the Environment**, vol. 6, n. 8, 2008, pp. 439-447.

ERICKSON, C. The domesticated landscapes of the Bolivian Amazon. In: BALÉE, W; ERICKSON, C. (Orgs.). **Time and complexity in historical ecology: studies in the Neotropical lowlands**. New York: Columbia University Press, 2006, pp.235-278

HARVEY, D. **Spaces of Global Capitalism: towards a theory of uneven geographical development**. New York: Verso, 2006.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019

LEFF, E. **A Cada Quien su Virus La Pregunta por la Vida y el Porvenir de una Democracia Viral**. Disponível em: <<https://halacsolcha.org/2020Leff.pdf>>. Acessado em: 2 de maio de 2020.

MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

WORSTER, D. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, vol. 4, n. 8, 1991, pp. 198-215.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRASIL, Lucas Santa Cruz de Assis; AMADEO, Thomaz de la Rocqye; SOLÓRZANO, Alexandro. O Ser humano não é um vírus: compreendendo o nosso papel no planeta terra para além da sua destruição. In: **Revista Ensaio de Geografia**, Niterói, vol. 5, nº 9, p. 112-117, maio de 2020

Submissão em: 05/05/2020. Aceite em: 20/05/2020

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ - Brasil